

QUARTA-FEIRA
Lisboa--23 de Junho-1926

5 TOSTÕES



sempre
fixe semanário humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 195
RUA DA ROSA, 57

Jogo franco



O ZE' --- Trunfo não tenho. O meu jogo é este.



Os ditos da semana



Costa é um apelido português essencialmente político. Tem todos os aspectos, e dá todos os tipos. Já ha uma cantiga que diz:

«Um Costa matou o rei
Outro Costa o presidente...»

É o peor dos apelidos. Afonso Costa foi um Messias. Agora é Gomes da Costa. Este, por enquanto só tem simpatias. Lá chegará o tempo em que os odios lhe hão de pesar mais na balança do que as simpatias. Hão de então valer mais os que teem um apelido muito diferente. Silva ou Santos, por exemplo.

Em materia de Costa politico e simbolico, a monarchia legou á Republica um Costa, tambem: Costa Cabral. Era um tipo, emfim, era um Costa.

A nossa politica bem pode dizer-se dos quatro costados. Periodos tem havido de costa arriba. Este é um deles. Se as coisas levarem bom caminho, será de costa rica, se fôr ao ar nas suas intenções, será de costa negra.

Os movimentos populares acabam sempre, mais tarde ou mais cedo, por ir dar a um

beco do Quebra Costas. Os Costas não teem muita saude politica, e, em regra, por força do simbolo, dão asneira.

Mas não sejamos, mesmo de bom humor, pessimistas.

A ultima, até por sinal, tem pilhas de graça: ter sido o Duarte Costa, monarchico, director da policia de segurança do Estado... republicano.

Em todo o caso pode provar que a Republica, apesar de tudo, tem costas largas.



Este governo, essencialmente anti-parlamentar, tem um ministro, que deixou de ser deputado por virtude do golpe militar. É, *malgré soi*, um apontado a dedo, quando os seus colegas querem fazer *blague*. E então referem-se -lhe:

—O Filomeno... o da Camara.



Belem tem *guigne*. Os que lá vão morar, de lá saem. Arriaga, Bernardino, Sidonio,

Canto e Castro, Teixeira Gomes, outra vez Bernardino. Antonio José de Almeida resistiu o seu tempo: é que não foi para Belem. Teofilo não foi para Belem.

Quando o general Gomes da Costa entrou no Palacio Real, logo um porteiro da casa, exclamou:

—É mau sinal. Porque é que o nosso general não teria ficado na sua casinha da rua Elias Garcia?

O refrain:

em Belem
é que se está bem...

é uma das bonitas ironias da nossa politica de revista.



Foi criada a ordem dos advogados. Um rapaz, depois de bacharel em direito, tem de ir praticar dois anos para continuo de escritorio forense.

Tambem vai ser criada a ordem dos ministros. Antes de serem proclamados, tem dois anos de estagio... no forte de Elvas.

O primeiro trinta e um que houve em coisas republicanas, foi o 31 de Janeiro, a que esteve ligado o actual ministro do Interior, dr. Antonio Claro. Dizem que com o andar do tempo, continuou a jogar fóra do taboleiro, e rebentou. Em todo o caso afirma-se que na actual situação o ministro, de republicanismo mais claro, é o dr. Antonio Claro.

Claro que é. Ainda que com um pouco de *patine*.



Dito sem intenção nem espirito nenhum. Trocadilho á força:

—Final, a pasta das colonias ele abichou-a.

—O' Chôa...



O dr. Mendes dos Remedios escangalhou as escolas primarias superiores—e foi-se embora.

Foi remedio das Caldas.

Pantagruel



Aquele que come

Além da mesa censoria...



... temos a censura da mesa redonda dos "Arrotaries!"

Prometheu



Aquele que é comido

PROSA DE CHA-VELNO

Uma beleza de hortaliça

Cinco da Sociedade Agrícola, anunciavam os cartazes da corrida de domingo, e a estes produtos dedicámos o melhor da nossa atenção, porque os outros cinco eram de Vale Figueira, e tantas entrevistas têm já concedido que nada de novo se lhes ouve e são como vinha vindimada. A verdade é que os produtos agrícolas da tal Sociedade pouca aceitação tinham no mercado da Praça do Campo Pequeno. O agricultor, que é um pécego careca, enviava tanta pecegada mansa que, ao saber-se que os marmelos eram da Sociedade, todos exclamavam:

—Ora abóbora!

Desta vez, o hortelão seleccionou a semente, adubou-a largamente, regou a terra e saíram aquelas belezas de hortaliça que os senhores viram: autenticas peras em «douce», algumas maçãs azedas e melancias chôchas á mistura.

* * *

Em certa altura, os amigos plantados sobre o touril começaram a bater os dâtilos e a chamar o agricultor, que ainda se fez «regado», sem se mecher, quasi a pegar de estaca, mas terminando por descer á horta, a mostrar o melão que Deus lhe deu, e vibrando como haste de trigo sacudida pelo vento. Ao saltar, ia caindo e plantar: uma figueira, mas lá seguiu, mais fresquinho que uma alface e tão contente que lhe não cabia um feijão no sacco.

Claro que, com tudo isto, floresceu a alegria nos aplaudidos produtos da Sociedade Agrícola, que moviam os agressivos pepinos e as couves-flôr da cauda.

—Foi uma tarde de bom regad'o e com tanta agua regaram que até a horta se ia alagando. A fruta era farta e variada e se houve castanha na nespera, também devemos declarar que apreciámos bons tomates e raras vezes vimos tremerem as pevides. Emfim o «chôpa» cavou a vidi-nha e levou boa massaroca e uma cabazada de palmas!

Perez-Lachaise

Lisboa conquistada...



... pelas taratas

PELO DESPORTO

Combate

DE BOX

por musica...

O novo governo decretou uma medida que até certo ponto interessa os meios desportivos.

Um decreto publicado pelo ministério da Justiça permite o casamento de raparigas menores de catorze anos, desde que se encontrem em determinadas circunstancias.

As circunstancias em que elas se podem encontrar, para a hipótese matrimonial, cabem muito bem dentro duma coluna do *Diario do Governo*, mas não têm positivamente cabidela dentro das austeras colunas do *Sempre fixe*.

Em todo o caso, sabemos duma manina que namora um ponta direita de primeiras categorias do Bemfica—um ponta direitissima—que ha dias,

—Mas porque não joga ele sempre como jogou hoje?

—Vá lá perguntar-lh'o... Misterios de S. Cipriano...

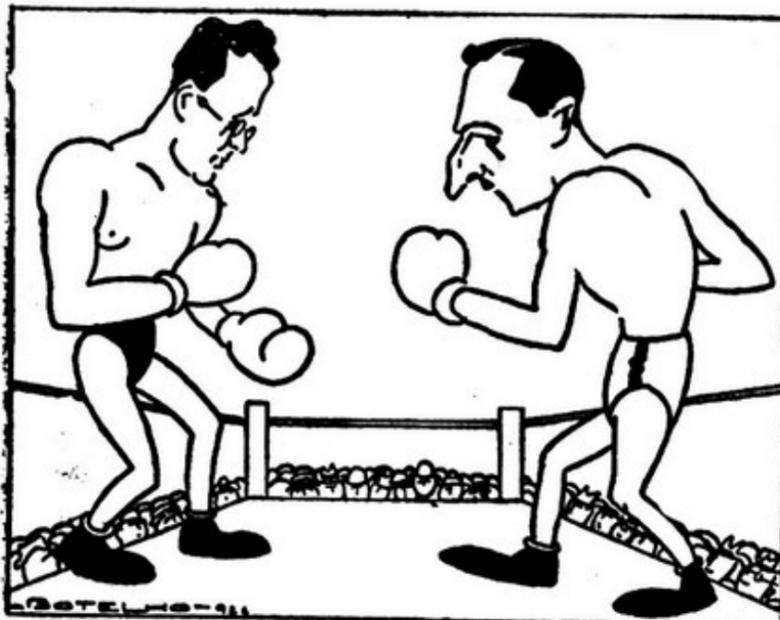
* * *

Começaram as provas do concurso hipico em Palhavã. Bons calções, belas montadas e saltos de primeira ordem.

Foi pena que a prova «Amazonas» não reunisse nenhuma inscrição. As senhoras, este ano, não querem saltar. Preferem deixar saltar os homens.

* * *

Dois maestros conhecidos jogaram o boz na ultima semana. Nenhum dê-



ao concluir as suas catorze primaveras, declarou á mamã que já estava ao abrigo do decreto das menores.

Grande emoção no seio da familia, quando se soube que o player encarnado—um internacionnal de primeira ordem—era o mesmo que no Lisboa-Madrid civil tinha metido duas a zero nas rédes espanholas.

Insistia a precoce amorosa pela solução matrimonial com o conhecido ponta direita, quando o papá se atreveu a observar:

—A monina, por esse andar, promove o rapas a ponta esquerda...

* * *

O foot-ball português deve marcar com uma pedra branca a ultima jornada do Stadium. Boa casa, bom jogo e *bonne chance*.

A' saída, dois espectadores discutiam com calor a parte que a cada um dos nossos coube na victoria.

Um deles dizia:

—O Cipriano foi o grande homem em campo.

—Eu cá gostei mais do Cambalacho—respondeu o outro.

—Fracó, fraquissimo. O Cipriano é que me encheu as medidas,

les ficou *knock-out*. O match decidiu-se por semi-colchoias. e afirma-se que um dos bravos contendores ficou bastante si-bemol. O outro declarou publicamente que não lhe liga a seminima importancia.

Sabemos que o caso vai ser levado para a Associação dos Musicos, onde se pretende atacar um dos pugilistas por ter iniciado o combate antes de soar o gong.

Comentario dum conhecido *blagueur*:

—E' o que se chama uma questão gongorica.

* * *

Amundsen, depois de voar sobre as regiões articas, prepara-se para explorar a bordo do seu dirigivel as regiões antarticas.

Dois desportistas portugueses discutiam ha dias a figura do celebre explorador norueguês, que brinca com os polos como uma criança com um balão do Grandela.

Um deles dizia:

—E' um grande homem de sciencia.

E o outro, a pôr os pontos nos ii:

—O que ele é, é um grande jogador de water-polo.

OS ACONTECIMENTOS

4 aspectos da revolução

Conta-se que o novo chefe do governo passeiou, num dos dias da ultima semana, a sua situação e o seu aprumo militares num automovel que também transportava a familia do distintissimo official que ora preside aos destinos do país.

Dois netos do sr. general F. apresentavam-se ornamentados com balõesinhos, o que nada depõe contra o actual estado de coisas.

As côres dos referidos balõesinhos e que causaram engulhos a muitos patriotas esturrados. Enquanto uns, inclinando-se decididamente para as esquerdas, teimam em que essas côres eram o verde e o encarnado, outros, voltando-se ostensivamente para as direitas, afiançam que eram o azul e branco.

Podemos nós, testemunhas imparciais do acontecimento, pôr também o nosso depoimento modesto na causa que a opinião publica pretende julgar.

Os balõesinhos eram amarelos, amarelos amarelos, de um amarelo exemplar e simbolico. Esta a verdade dos factos e que, como tal, nos apraz registar.

* * *

No ministério dos Negocios Estrangeiros. Personagens: um chefe de gabinete, capitão de infantaria, um director geral, muito diplomatico, muito aprumado, muito protocolar dentro dos seus colarinhos tipo bilhete de visita, muito talassa, um general e um jornalista.

O director geral:

—Faz favor de dizer ao sr. ministro que eu estou aqui para despacho.

O chefe de gabinete, solícito, some-se pela porta de serviço.

O director geral:

—E' a primeira vez que isto acontece. Estou acostumado a ser recebido logo que me anunciam.

Passam-se longos minutos. O director geral começa de soprar a sua indignação. Entretanto, o chefe de gabinete regressa e diz para o director geral:

—O sr. ministro manda-lhe dizer para voltar dentro de uma hora.

E manda entrar o general, que assistia impassivel á conversa, para o gabinete do ministro.

O comentario final, mesmo posto na boca do funcionario visado, não o podemos transmitir ao leitor.

O jornalista que assistia á scena e que ficou considerando que chegou finalmente o tempo de nem só os directores gerais serem gente, concluindo ainda, sem grande esforço, que, decididamente, o trunfo é espadas.

* * *

Conta-nos uma pessoa muito afecta aos altos circulos politicos e militares:

—Uma tarde, seguiam em automovel para Sacavem, a fim de darem conta dos seus actos, dois chefes, um do exercito e outro da armada. Foram calados durante largo tempo. Em certa altura, o chefe do exercito disse para o seu companheiro:

—V. tem algum interesse em metter F. no ministério.

F. é uma alta patente da tropa, ultimamente muito discutida.

Resposta do outro:

—Nenhum interesse.

E o primeiro, a pôr ponto final no assunto:

—Então a gente corre com o gajo, que o gajo é malandro...

* * *

Episodio autentico transmitido de Braga para Lisboa:

Depois da primeira conversa no quartel general entre dois categorizados chefes revolucionarios, o primeiro, que se havia arriscado desde começo, teve o seguinte desabafo para os amigos que se encontravam proximo, a proposito do segundo, que chegara quando a obra estava concluida:

—Coitado, vinha á cata da divisão de lucros, mas de cá não leva ele nada.

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

JÁ lá vai o tempo em que os escritores teatraes de revista recorriam ao anonimato para melhor poderem dizer a sua piada, sem ter consequencias na vida do «ganha-pão».

Hoje, ao contrario, o pseudonimo é escusado: recorre-se ao nome duma outra pessoa, que arca com as responsabilidades. E' mais comodo...

Uma revista, ou seja uma *bluette* que está actualmente em scena, saiu, segundo o jornal *O Seculo*, da pena de quatro homens de teatro — um jornalista, um critico, um humorista e um poeta satirico, — e aparece assinada por um actor-empresario...

Aclaremos o misterio: Trata-se, respectivamente, do jornalista N. L., do critico M. S., do humorista P. C. e do poeta satirico A. C.

E' escusado dizer quem é o autor da revista... no cartaz... e nos reclames... O nome que aparece é o pseudonimo, que de hoje em diante passará a usar aquela nova parceria.

■ ■ ■

JÁ se sabe, afinal, quem são as «Trois jeunes filles nues» da peça que brevemente se representa no Gimnasio. E nós a julgarmos que eram homens os interpretes.

Que disparate!

Trata-se da J. S., da M. A. e da I. de V.

E' para que conste...

Ainda não é desta vez que «eles» são reconhecidos como mulheres...

■ ■ ■

A COMPANHIA que debutou no teatro Joaquim de Almeida e que foi trabalhar mais tarde para o Eden, anuncia-se que vai brevemente para o Foz... Por este andar chega a S. Carlos... E' a chamada companhia do fox-trot de teatro em teatro...

■ ■ ■

QUE desilusão foi o Ba-Ta-Clan!...

Porquê?

Procuremos uma explicação.

Para os que já visitaram Paris e já viram algumas das revistas que se exibem no «Moulin Rouge», no «Casino», no «Palace» e nas «Folies Bergères», esta coisa que ahi se exhibe é má, é inferior. Para os que, pelo contrario, nunca saíram daqui, e se lhes anunciou mulheres nuas, scenarios deslumbrantes e guarda-roupa riquissimo, tambem essa exhibição não causou espanto.



—A Maria Matos açambarcou as lapides... mas eu tambem já aqui tenho um bom par de medalhões...

As mulheres não se despiram, os scenarios não eram de espantar e o guarda-roupa, não sendo pobre, é, no entanto, remediado... Depois, os numeros são velhos para eles. Já os tinham visto no «Maria Vitoria» e no «Eden»... Os nossos revisteiros haviam-nos copiado e adaptado... e assinado como originaes.

O culpado é o reclamista, que anuncia, textualmente:

O maior acontecimento artistico — Espectaculos inéditos para Lisboa — Arte, Elegancia, Riqueza e Maravilha.

■ ■ ■

PARTIRAM para Paris, em viagem de nupcias, os artistas A. de V. e C. V.

■ ■ ■

EM PORTUGAL, perdeu-se a noção das coisas... principalmente em materia de teatro...

Os artistas tão depressa estão em S. Carlos como apparecem no cartaz do Salão Foz... E' um sinal dos tempos...

como diria o nosso Moreira de Almeida, se fosse vivo...

E' exemplo disto o caso da Corina, que deu um concerto em S. Carlos e que agora, no Foz, vai ficar sem concerto possivel...

■ ■ ■

UM CONHECIDO teatrologo dizia ha dias:

—Ando cá a pensar numa colecção de biografias das nossas «estrelas», escritas por elas proprias.

Pergunta inocente dum *blagueur*:

—E como é que te arranjas com as que não sabem escrever?...

■ ■ ■

AS NOVIDADES do nosso teatro...

A Tosca, que já fez chorar as nossas avósinhas, vai reaparecer na segunda-feira, lá para as bandas da Mouraria, em festa duma valiosa reliquia da scena portuguesa, ao mesmo tempo que no covil do

Covões e pela mão do «altissimo» maestro Pedro da Maria, volta a representar-se a opera do mesmo nome e da mesma idade...

■ ■ ■

DOIS ditos de espirito que corriam na noite da «primeira» do Ba-Ta-Clan:

—«C'est Paris» çà?

—E'...

—Estás enganado: «Çà, ce n'est pas Paris».

—Foi a Rasini que trouxe esta companhia?

—Foi.

—Se se resumiu a isto, é melhor ir-se embora...

■ ■ ■

VAI realizar-se brevemente uma festa de evocação do passado dos nossos primeiros artistas.

Consta-nos que ao actor R. M. será distribuido o papel de «fakir» e que o E. A. fará o protagonista da «Leiteira de Entr'Arroios».

■ ■ ■

LÁ para as bandas da terra do presidente B. M., a coisa parece que vai mal... em materia de teatro.

As entradas nas plateias estão uma desgraça e, com respeito a saída, só a actriz M. L. a tem tido á farta...

■ ■ ■

O «Papo-Séco» do E. B. está nas mesmas condições do seu fato «dernier-cri». Ainda ontem ouvimos a um espectador:

—Até parece que não é dele...

■ ■ ■

COM sete teatros fechados em Lisboa, anda um actor illustre, que ha pouco formou companhia, á procura dum onde a exhiba. E' o caso de dizer: «Santo Antoninho onde te porei?»... Em parte nenhuma, pois tens de mais onde te pôr.

■ ■ ■

O CARTAZ do dia: S. Carlos — Não ha espectáculo.

Nacional — Não ha espectáculo.

Gimnasio — Não ha espectáculo.

Politeama — Não ha espectáculo.

Maria Vitoria — Não ha espectáculo.

Joaquim de Almeida — Não ha espectáculo.

Coliseu dos Recreios — Não ha espectáculo.

O Homem das 5 horas

CARTA DUM SOLDADO do "33" para a noiva que ficou na terra

Minha querida Rosa

Daqui boto a mão á pená para to enviar estas mal notadas regras. A gente cá estamos em Sacá Vem a salvar a nação. Vamos matar todos os políticos que aparecerem á mão, porque o nosso ginaral diz que eles é que de-graçaram o país e é preciso dar cabo deles. Cá no quartel não se ouve dizer senão que o Passado morreu, mas a gente não lhe viu e cadavre. Se calhar metoram-no no tal forno queimatorio dum certo variador que depois que inventou aquilo inté lhe chamam Guisado.

A gente aqui não paremos um instante. Andemos sempre de arma na mão a traz do nosso ginaral porque como o povo lhe quer muito bem, não pode andar sózinho senão eram capazes de o estratejar com tantos abraços que lhe davam.

O nosso ginaral tem-se desenhado a fazer discursos. Aquilo taia, fala que parece mesmo um deputado. Já se vê que não taia tão bem como os políticos, mas taia é mais grosso. Diz ele que agora é que se vai começar a trabalhar. O raio do homem se calhar julga que isto até agora tem sido brincadeira. E' que ele não anda com a arma as costas como a gente.

Isto está tudo mudado. D'antigamente não havia disciplina nenhuma, quer dizer os discipulos não mandavam nada, mas agora é um gosto de os ver. Assim que os superiores fazem uma coisa, ajunta-se tudo o que é rapazada nova, ahí assim até tenente, e tão logo fazer uma imposição, que é uma coisa a modos assim como dar ordens ás avessas, debaixo para riba, para meter a velhada na ordem.

In artilharia 3 então a coisa ainda é mais catita. Quem manda são os taratas. Cá p'ra a gente ainda a coisa vai atrazada porque nós semos o 33, mas também ha de chegar o nosso dia. Eles tinham tanta genteira para aquilo das imposições que os ginarais tomaram-lhes medo e mandaram-nos a banhos ali p'ra ás bandas de Cascais. Foi tal o qual a mesma coisa que o nosso ginaral fez ao Cabeçadas assim que viu que ele ia deitando as unhinhas de fora.

Esta coisa de a gente se revoltar é muito pandega, porque não há capitães, nem majores, nem nada. Semos todos iguais. E, depois uma pessoa toma-lhe o gosto e já não quer outra coisa. Inté aqueles que não queriam entrar na brincadeira são agora os mais tezes que até o nosso cabo diz que aquilo foi coisa que lhe deram a beber.

Os políticos é que andam danados. Diz o nosso primeiro que é porque o ginaral lhes tirou a mama, mas eu cá custa-me a acreditar que eles ainda fossem crianças de peito. O que eu sei é que anda uma data de amas á boa vida que inté parece que andam a amamentar a Guarda Republicana pelas esquinas. Diz que isto que a gente fez foi um movimento republicano e que para o povo estar descansado até o rancho, que era de feijão encarnado, vai ser daqui por diante misturado—metade feijão verde e a outra metade feijão encarnado.

Imagina que o governo é tão republicano que inté alguns ministros são monarquicos, de proposito para o povo ver que ainda que eles quizessem escalar um fulano qualquer para rei não podiam. In todo o caso, parece-me que isto de Republica não está muito seguro porque não se ouve gritar senão viva a Republica. Ora se ela está tão bem fixe para que andam eles sempre a dizer que viva? Não to parece?

Adeus, minha indulturada Rosa. as minhas p'ra contigo só á vista terão fim.

Manoel Joaquim
1875 da 2.ª do 1.º

Poses escritas

Esquecia-me de te dizer que já temos ministro das finanças. Dizem que é Filho-menos da Camara, mas eu cá então não sei de quem é.

M. J.

Fruta do tempo

Aquela mulher bonita

Todos os dias, sempre p'la tardinha,
ela desce o Chiado,
soberba, altiva, como uma rainha,
a passo curto, histérico, apressado...

Donde virá? Quem é?...?

Não sei. Só sei que tem um ar de festa,
apesar de manter, por minha fé,
a linha ingénua da mulher honesta.

Maquinalmente, para a ver passar,
sou certo ali, á esquina...

Parece um passarito a saltitar,
sádia, fresca, alegre, pequenina!...

Nunca lhe disse nada e, gosto dela...

Ir quebrar este encanto, para quê?

—A mulher mais perfeita é sempre aquela
que a gente só conhece porque a vê.

Inspidez, tédio, monotonia,
—seria prolongar, perpetuamente,
a sensação do Belo que irradia
duma estrela cadente!...

Tenho sempre presente um caso antigo:

—Ela era, também, ingénua e linda;
tinha a mesma candura, e ao dar comigo
baixava os olhos que recorde ainda!...

Duma vez,

depois de só a ver quando passava,
durante mais dum mez,

—decidi-me a saber onde morava...

Tolices que a gente faz!...

E ela, prevenido o meu olhar em braza,
nem sequer, de soslaio, olhou p'ra traz
até entrar em casa.

Que castidade a sua!

Sonhei um lar, a minha boémia morta,
a vida sã,—e atravesssei a rua
p'ra ver melhor o numero da porta.

Já vinha embora... Subito assaltou-me
um enorme desejo de a prender.

E se o porteiro me dissesse o nome
para eu lhe escrever...?

Sem reflectir mais tempo entrei na escada.

O cubiculo estava sem ninguem...

Mas num dos patamares, debruçada,
ela,—o meu anjo, o meu sonhado bem,
aparece-me em robe,
e diz-me assim, sem sombra de rubor:

—«Assuba... Então porque é que não assobe?»

Querem melhor?

Silva Tavares

OS NOSSOS MEDICOS



Dr. Silva Martins

A PALAVRA BARRIGA definida pelos que a têm pronunciado

Um militar:

—Órgão indispensavel á vida dos democraticos

Um democratico:

—Órgão que me foi usurpado pela tripa.

Zé-povinho:

—Miudeza inutil. Relógio que não dá horas, mas sabe muito bem ás quantas anda. Predio deshabitado por falta de inquilinos.

Uma mulher:

—Arsenal do Exército da humanidade.

Um guarda-nocturno:

—Palacio das Necessidades de que eu não tenho as chaves, mas onde põem luminarias.

O filho do sr. João Pinto dos Santos:

—A unica coisa que tenho que não é de meu pai.

Um boémio:

—Órgão que só exerce funções nos primeiros dias do mez.

Um cinto:

—Visinha do lado que me incomoda com a sua abastança.

Um fadista:

—Campo de manobras do canivete.

Um politico antigo:

—Chapeu de prestidigitador. Enche-se de carneiro com batatas e tira-se com chapeiada de votos.

Um politico moderno:

—Aspas, aspas.

Um medico militar:

—Comissão de *revitaillement* encarregada da distribuição alimenticia a todo o corpo.

Um tubarão da politica:

—Poço sem fundo. Tudo o que vier morre.

Um jogador de "foot-ball":

—O contrario de uma bola. A bola com *schaal* e boia a barriga com *schaal* cai.

Um mercleiro:

—Alto de S. João dos meus generos.

Um gato:

—Cemiterio des carapaus.

Um gato pingado:

—Tumba que se enche com o que vem do cemiterio.

O Chaby:

—Globo terrestre que tem por equador o cóis das calças.

O comandante da policia:

—Viscera que eu encho de pão e mando os presos encher de musica.

Um guarda da W. C.:

—O que me dá o pão.

Uma parteira de Lisboa:

—Estação de Campolide.

Uma parteira de Campolide:

—Estação do Rocio.

João Tripa.

Lá fóra



—E pensar eu que ha quem prefira o ascensor!

(Do «Ruy Blas»).



—E porque abandonou sua mulher?
—Por motivos religiosos. Tratava-me como se fosse um Deus.

(Do «Gaiety»).



Ela—Gostarás sempre do mim?
Ele—Sempre!
Ela—Ainda depois de divorciados?

(Do «Modern-Day»).

Meu caro «Sempre fixo».

A presente carta é o resumo de um dos inumeros trabalhos que trago entre mãos. Interessando-me as varias facetas do viver social, não admira que a mendicidade atraia a minha atenção. E' sobre este ramo de vida, seco e pèco, que as minhas lunetas de critico se assestam. Vamos pois ao resumo:

Generos de pobreza

Deixando os pobres do espirito, porque dèles é o reino dos céos, passarei sem tocar nos pobres envergonhados e só pararei nos pobres... *desavergonhados*. Estes dividem-se em quatro categorias, a saber: os velhos, os enfermos, os vadios e os ciganos... Um velho mendigo das minhas relações, por mais de uma vez me contou que desde muito novo começara a ser *velho... mendigo*. Dos proventos da sua occupação social, dizia-me, antes da guerra:—A rua de S. Bento, bem batida, desde o palacio da «Flor da Murta» á esquina da rua do Sol, deixa-me cinco mil réis.

Quanto deixará ella hoje, com a moeda desvalorizada?

Uma paralytica, rapariga ainda, conheci tambem, que sustentava dois emais que tudo, um com quem vivia e outro com o qual fazia vida... Isto trazia-lhe frequentes cenas de ciúmes, acabadas em grossas pancadarias, nas quais ella levava a melhor, apesar da paralytica.

E aquele operario sem trabalho que anda ha dez anos a ser despedido da fabrica... Protector da produção viciosa nacional, apresenta um nariz violaceo (o seu mal de figado) e tem calos nas costas do se encostar ás esquinas. Quando vê passar um burquez de bons brilhantes, berra-lhe:

—Tenho fome!



A CENSURA

Chegou-me ha pouco aos ouvidos,
Que o novo governo pensa,
—P'los abusos cometidos,
Por escribas mais atrevidos,—
Em censurar a Imprensa.
Sinceramente lamento
Que o governo leve a efeito
Um proceder tão violento,
Porquanto não ha direito
Para tal procedimento.
Que os senhores officiais,
Muito embora em dictadura,
Deixem falar os jornais,
Porque o povo é quem censura
Os que exorbitam demais.
Toda a censura eficaz,
Sem prevenções de cobarde,
E' o povo quem a faz!
Foi ele, ha dias atraz,
Quem mais censurou *A Tarde!*

FALTA D'AGUA

Lava-se a cidade inteira
No pranto da sua magua,
Porquanto a pèrra torneira
Do sovina Carlos Pereira
Não deita nem pinga d'agua.
Protestos, resultam vãos;
E edis a quem me queixei,
Respondem aos cidadãos
Que lavam d'ahi as mãos,
... Mas em que agua é que eu não sei!
O Gameiro se arrepela,
Não quer que a agua se acabe,
Nem pode prescindir dela,
Pois vive, como se sabe,
De pintar a aguarela.

João Fernandes.

Galarim



D. Ruy da Camara

Tenho o maior respeito nas corridas
P'los que vão com tão grande frequencia
Ali para uma praça expór as vidas
Aos precalços provaveis das colhidas
Num desprezo total pela existencia,
E apontando os perigos desse vicio
A um az formidavel como aquele,
O Ruy, pausadamente, pensa e disse-o:
—«Então, que queres, são ossos do officio?»
(... Mas neste officio os ossos são os dele...)

A. C.



por um «lunatico» de lunetas

E todos conhecem aquella pobre mulher vestida de preto, que se diz viuva ha cinco anos e traz nos braços, amamentando-a, uma criança de seis mezes... E ainda uma cigana de muitas saias e muita saia, que lê a «buena dicha» na palma da mão e que *palma* o que lhe vem á mão...

Desta *pobreza desavergonhada* poderia dizer muito e muito mais, mas basta e-to

Facto demonstrativo...

Toda a gente tem ainda bem patente o successo teatral do nosso camarada do *Sempre fixe*, Alvaro de Andrade, no *Homem das 5 horas*. O Alvaro, que possui belas qualidades de espirito, é dono de um coração magnanimo. E assim, todas as noites, quando sahia do «Trindade», dava uma nota de 50 contavos a um cego, de olhos pretos, de longa barba e pobremente vestido. O «mergulhado em densas trevas» estacionava nas imediações do teatro. Ora Alvaro de An-

drade, uma noite, por engano, deu ao cego uma nota de cinco mil réis... O nosso colega, sendo um rico homem, não é todavia um homem rico... E na noite seguinte, quando passou pelo mendigo, recordou-se do engano e perguntou-lhe:

—Ontem não lhe dei, em vez de cinco tostões, cinco mil réis?

—E' possível, respondeu o cego, os meus afazeres ainda não me deixaram conferir a caixa das esmolas recebidas ontem... Mas queira V. Ex.^a dar-se ao incomodo de passar amanhã por-minha casa... E se houver engano, restituirei a quantia recebida a mais... Aqui tem V. Ex.^a o meu cartão...

O nosso camarada, algo surpreso, pegou no bilhete e leu:—Augusto Silveira — Cego de nascença — Rua da Procição, 52.

O Alvaro, vendo no cego talvez um ottimo assunto para uma chronica acerca da miseria de Lisboa, resolveu ir procurar o infeliz no seu desconfortavel casebre. No dia seguinte parava defronte do 52 da rua da Procição

são:—Que diabo, isto é quasi um palacio!...—exclamou para si o nosso amigo. Naturalmente, o cego vive por esmola no sotão... Premido o botão electrico, um guarda-portão appareceu, perguntando-lhe:

—O que deseja?

—Mora aqui o sr. Silveira?

—Sim, senhor! Queira V. Ex.^a entrar...

Por sua vez, o guarda-portão chamou uma criada que atravessava o vestibulo:

—Este cavalheiro deseja falar ao senhor...

A criada, melhor vestida de que uma *soubrette* do Nacional, teve um sorriso para o jornalista e introduziu-o numa sala cheia de conforto e luxo. Esperou um momento. De uma porta saiu o cego em pijama de seda, bem barbeado e de monoculo.

—Esperava V. Ex.^a... Não ha duvida: conferida a escrituração, esta acusou quatro mil e quinhentos a mais... Estes enganos são frequentes e vou acabar com elles, adquirindo Caixas Registradoras «National»... Essas caixas, para meu uso e distribuidas pelos meu empregados, cegas como eu, que estão em diversos locais da cidade, terão a vantagem de eu não ser roubado e de os benefiteiros verem no mostrador, registradas, as suas esmolas... Não serão assim possíveis mais enganos... Agora resta-mo dar a V. Ex.^a a differença...

O nosso colega, confuso, recebeu uma nota de cinco escudos que o falso cego lhe estendeu.

—Muito obrigado, sr. Silveira!... E ia retirar-se.

—Perdão, V. Ex.^a esquece-se de me dar os cinco tostões!...

—Tem razão, eis-ol!...

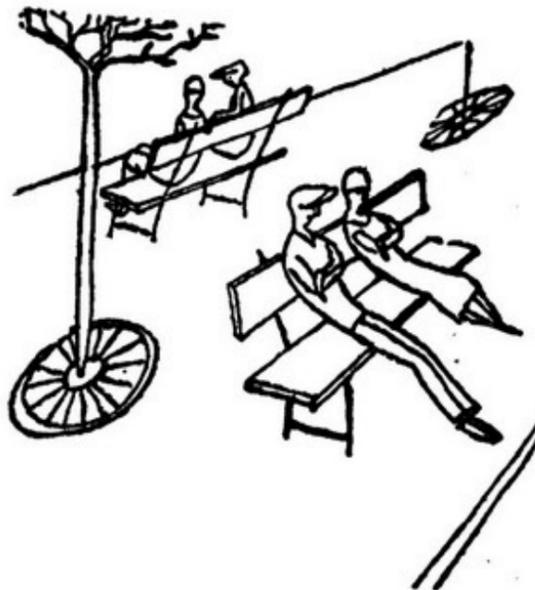
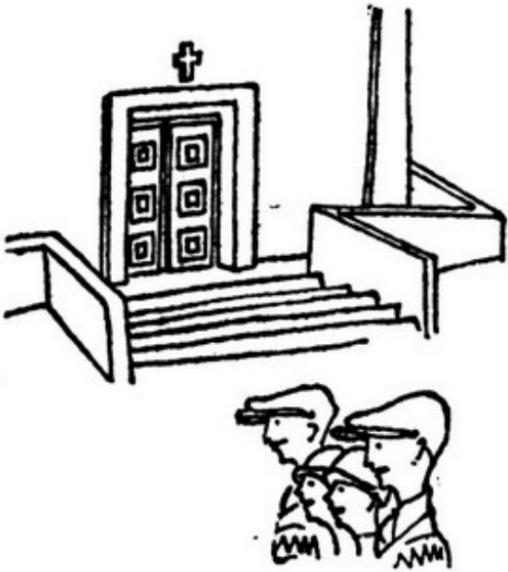
O cego, tendo uma cerimoniaosa inclinação, voltou-se para a criada e ordenou-lhe:

—Etelvina, conduz este senhor!...

PETIZ-JORNAL

ERA UMA VEZ...

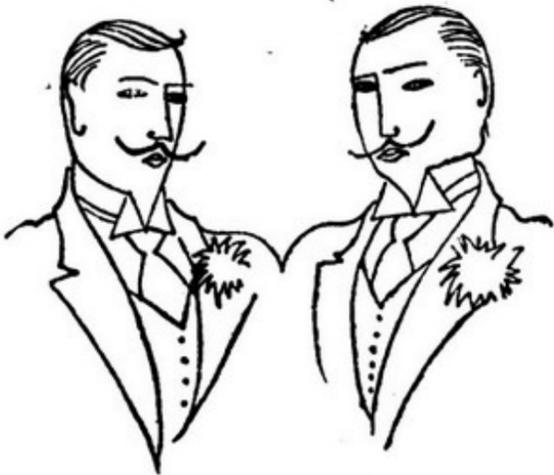
(Por Almada Negreiros)



E uma vez que os quatro passaram por deante de uma igreja, os rapazes baixaram os olhos e as raparigas coraram levemente, porque todos pensaram a uma que a igreja, afinal, não é só para ir à missa, nem só para baptisar, nem só para ouvir sermões, mas também para casar as pessoas.

De tal maneira iam as conversas, que por fim era impossível sentarem-se os quatro no mesmo banco para conversar.

Mas, pelo contrario, quando estavam juntos os quatro, a alegria era unica e feliz.



Até que um dia (era de esperar) os dois irmãos disseram a seus pais que conheciam duas irmãs.

O pai compreendeu logo tudo e achou muita graça á historia porque era igual á sua.

Eram dois irmãos ...

(Continua).

Papel de fumar
ZIG-ZAG
CASA HAVANEZA
124 - Rua Garrett - 134
(Ao Chlado)

ALVES & SIMÕES, SUCC. LIMITADA
210-Rua de S. Paulo-212
Perfumarias-Sabonetes-Essencias
Pó d'arroz das melhores marcas
nacionais e estrangeiras
Venda a mludo

OS TAXIS
GRENARD & WALCKER



S 9806 S 9807

SÃO OS MAIS CONFORTAVEIS
Serviço permanente
Telefones: N. - 2900 e 3713

Papelaria Camões
DE
Augusto Rodrigues & Brito Lda.
42-Praça Luiz de Camões-43 Lisboa
Tel N. 1040
Grande variedade em objectos para
escritorio, pintura, aguarela, dese-
nho, papeis para flôres e muitos
outros artigos

Papelaria LA BÉCARRE
Casa especialista em artigos
de pintura.
A mais antiga no genero
Tipografia encadernação

Casa Quintão
Colchoarias em todos os generos
Rua Serpa Pinto, 10
Grande deposito de tapetes de Beiris
Rua Ivens, 30
Telefone - C 4194

Pastelaria Ferrari
NOS chás desta casa reune-se to-
dos os dias a nossa sociedade ele-
gante.
Aos almoços das quintas-feiras
Caril Indiano

OURO
Só vende barato
a Ourivesaria
Correla & Moura
LISBOA
(Proximo á Casa da Moeda)

Sortes grandes?
Só o PINA as vende
75 - RUA DE S. PAULO - 77

O melhor café é o da BRAZILEIRA

DAMIAO Veste todas as crianças com elegancia **CHIADO**

Os "Arrotarios" intelectuais



Manual do "Coelho" á caçadora



A "estrela" do Tavares riquissimo

"Museu,, da Brazileira do Chiado

TELAS... TOLAS

VI



O cahide humano ou a leitura no "bidet". Deve ser "leitura... fresca" com o olhar de molho... Quadro com efeitos de "luz... de vela". Se esta se apaga, tomas a tela ás escuras...